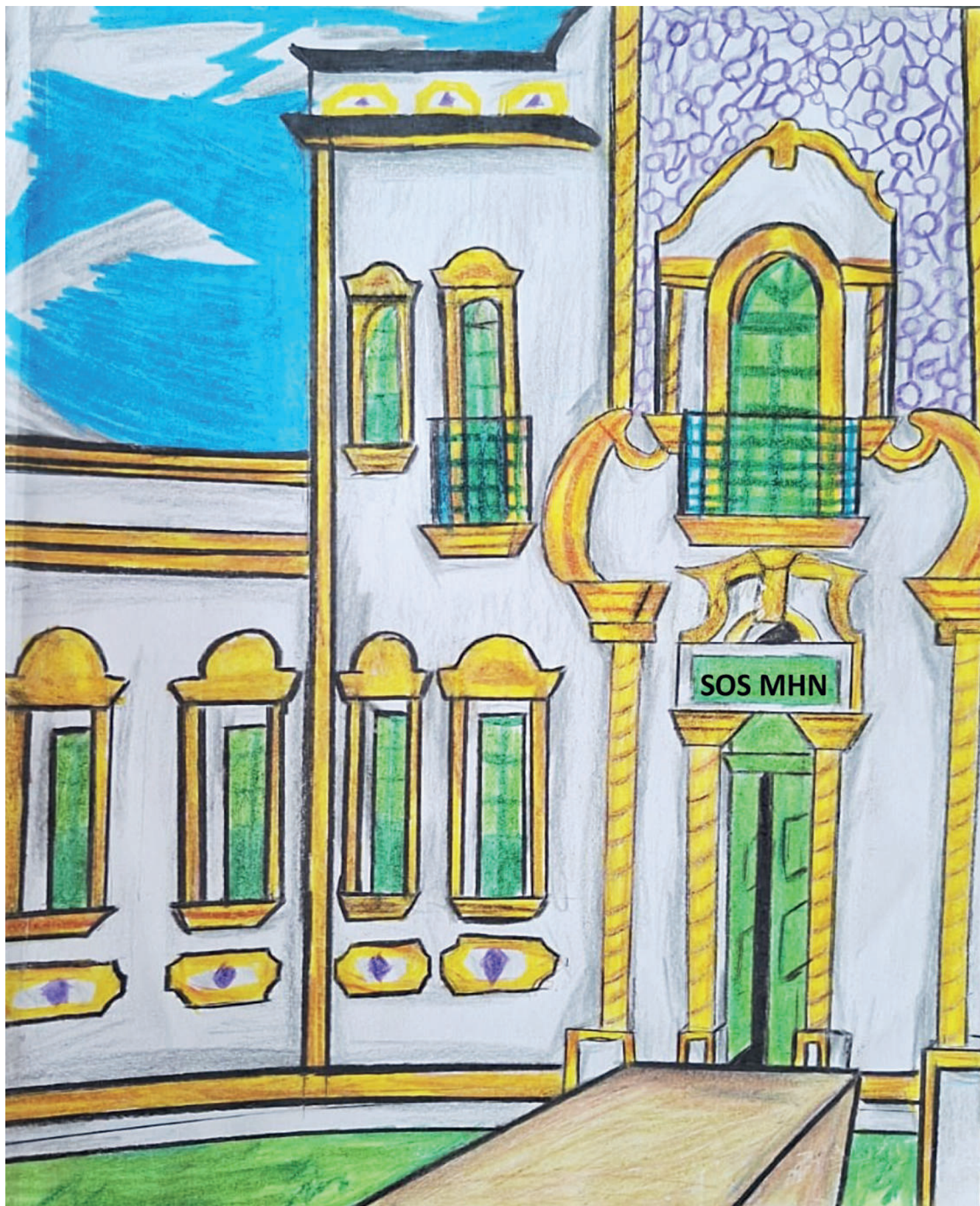


# Abandono museológico em Alagoas - A resistência estudantil

**O DIA**  
ALAGOAS

Ano 011 Número 683 R\$ 3,00

Alagoas 22 a 28 de março 2026



LUGAR DAS CIÊNCIAS - Representação da porta de entrada do Museu de História Natural (MHN) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), fechado em maio deste ano por falta de investimentos e problemas na infraestrutura

CAMPUS

**Dois  
dedos  
de  
prosa**

O Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida (*G.PHILSA*) vem à Campus denunciar o fechamento do **Museu de História Natural (MHN) da UFAL**. Mais do que isso, ele vem destacar a importância dos museus para sociedade, em especial para a formação científica e cultural dos estudantes da rede pública de ensino, a exemplo de Ewerton Cleyson Lima dos Santos, aluno concluinte do Ensino Médio na Escola Estadual Professora Guiomar de Almeida Peixoto, pesquisador do *G.PHILSA* que compartilha suas experiências com o grupo, inclusive nos museus.

Amaro Hélio Leite da Silva



## EXPEDIENTE

**Eliane Pereira**  
Diretora-Executiva

**Deraldo Francisco**  
Editor-Geral

**Conselho Editorial**  
Jackson de Lima Neto  
José Alberto Costa  
Jorge Vieira

## CAMPUS

**Amaro Hélio L. da Silva**  
Coordenador de Campus

**Jobson Pedrosa**  
Diagramação

**Iracema Ferro**  
Edição e Revisão

**Adauto Santos da Rocha**

**Alex Machado**

**Ana Luiza Pimentel**

**Artemísia Soares**

**Claudemir M. Cosme**

**Eduardo Bastos**

**Edvaldo Nascimento**

**Flávio A. de A. Moraes**

**Íria Almeida**

**Josiêlda Cristo**

**Lúcio Verçoza**

**Mônica C. de Almeida**

**Thiago Matias**

Apoio

**Para anunciar:**  
(82) 3023.2092

**Endereço:**  
Rua Pedro  
Oliveira Rocha, 189,  
2º andar, sala 210  
Farol - Maceió - Alagoas

**CNPJ:**  
07.847.607/0001-50

**E-mails:**  
redacao@odia-al.com.br  
comercial@odia-al.com.br

**Site:**  
odiamais.com.br

■ **ARTIGO** | Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida (G.PHILSA)

## Portas fechadas, vozes abertas: a resistência estudantil diante do abandono museológico em Alagoas

É com pesar, indignação e um grito preso na garganta que anunciamos: o Museu de História Natural da Ufal fechou suas portas ao público! No dia 17 de maio de 2025, um ato simbólico, carregado de dor e resistência, tomou conta do bairro do Prado, em Maceió. O “Abraço Simbólico” ao *Museu de História Natural* reuniu intelectuais, funcionários, professores, e representantes da sociedade civil em uma manifestação que misturava luto e protesto. Há anos, a instituição vinha sendo sufocada pela falta de investimentos e pelo visível sucateamento de suas estruturas. Agora, restam apenas os ecos de suas salas silenciosas, acessíveis somente a professores e estudantes da própria Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Em contrapartida, a população foi afastada de um acervo raro, insubstituível — um verdadeiro tesouro científico e cultural. O que deveria ser um símbolo de orgulho para Alagoas, transformou-se em mais um capítulo da negligência com a memória, a ciência e a educação pública. O museu, que já pulsou vida e conhecimento, agora grita em silêncio por socorro.

Infelizmente, esse não é um caso isolado. Nos últimos dez anos, Maceió tem assistido, quase sem reação, ao progressivo fechamento de importantes equipamentos culturais como o *Museu de Arte Pierre Chalita*, o *Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore* e, agora, o *Museu de História Natural*. Esses episódios, que se repetem com frequência assustadora, revelam um cenário alarmante de abandono do patrimônio público e da memória coletiva por parte dos poderes governamentais. Em uma cidade

que se promove como destino turístico nacional, a negligência com seus museus expõe mais do que simples omissão: revela um modelo de desenvolvimento que trata a cultura e a história como adereços descartáveis, e não como fundamentos essenciais para a formação cidadã e o fortalecimento da identidade local. Sem políticas públicas consistentes, o que se oferece ao turista são apenas paisagens naturais — belas, sim, mas distante das pessoas que nelas vivem, de suas lutas, saberes e modos de existir.

Diante desse cenário, valorizar e revitalizar os museus torna-se não apenas um gesto de preservação, mas uma ação estratégica para o futuro. Fortalecer esses espaços significa impulsionar o turismo cultural, fomentar a produção científica, criar postos de trabalhos, divulgar a história local e estreitar os vínculos identitários entre a população e seu patrimônio histórico. Afinal, museus não são meros repositórios do passado — são territórios vivos de memória, reflexão e transformação social.

É nesse contexto de silenciamento institucional que vozes jovens começam a se erguer. Este artigo apresenta os frutos do projeto “Trilhando Memórias – Museus de Maceió”, uma ação educativa e científica desenvolvida por um jovem estudante da rede pública, orientado pelo **Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida (G.PHILSA)**. A partir de suas vivências em espaços de memória, ele demonstra que, apesar do abandono, ainda pulsa resistência, criatividade e esperança na educação e na arte.



Aula de campo com alunos pesquisadores G.PHILSA na 20ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do Museu de História Natural, em 4 de abril de 2024

### Quando a cultura cala, a educação grita: o clamor estudantil por espaços de memória - Ewerton Clayson

Quando o Estado se ausenta, a juventude ocupa. É nesta perspectiva que apresentamos abaixo o olhar sensível de **Ewerton Cleyson Lima dos Santos**, aluno concluinte do Ensino Médio na Escola Estadual Professora Guiomar de Almeida Peixoto, pesquisador do G.PHILSA e bolsista CNPq pelo programa Integração do Ensino Básico ao Ensino Superior do Cesmac. Ele compartilha suas experiências e reflexões, que poderiam ser a de qualquer aluno preocupado com a história, o patrimônio e a ciência de Alagoas. Ele relata, por exemplo, como a sua ida ao museu, tão perto de casa e ainda assim tão fora da sua realidade, despertou tantas descobertas e trouxe um novo modo de enxergar a história e o agora. A seguir o seu testemunho sobre os museus e as atividades com o G.PHILSA:

Minha jornada pelo mundo dos museus começou com uma visita ao Museu Palácio Floriano Peixoto (Mupa), um lugar que sempre escutei falar, mas nunca imaginei ver pessoalmente, apesar de estar muito próximo da minha casa. A experiência

foi incrível porque não era apenas sobre observar, mas viver de perto toda a história que o lugar carrega. Com o professor Willames de Santana Santos, a professora Juliana Ferreira dos Santos e minha amiga e companheira de classe Eduarda Cavalcanti Plech ao meu lado, eu estava prestes a entrar em um universo novo.

O acervo de móveis antigos me transportou para outra época da história do Brasil Republicano, e foi lá que percebi que as paredes do museu não eram da cor que eu pensava. Andando e explorando curiosamente o acervo do museu em uma segunda visita, finalmente consegui observar as exposições do pavimento superior e me deparei com a famosa namoradeira, uma peça do mobiliário brasileiro que simbolizava as antigas formas de namorar e conhecer pessoas. Aquilo me fez refletir sobre como as relações sociais se modificaram, passando de encontros físicos programados, para flertes casuais nas redes sociais e aplicativos de namoro dos dias atuais. Foi um momento de descoberta que marcou uma nova fase de conhecimento na minha vida escolar.

Em outra oportunidade, imbuído da minha sede por conhecer os museus mais próximos da minha casa, segui para o Memorial do Tribunal de Justiça de Alagoas (TJAL) onde a experiência sensorial e histórica foi bem diferente. A tipologia do memorial era fácil de entender, talvez pela disposição eletrônica do acervo museológico, mas, imaginei que a dimensão do aparelho cultural fosse maior. A dinâmica tecnológica e a climatização foram pontos positivos, mas a ausência de um guia ou educador fez da experiência de visita um pouco superficial.

O prédio branco com detalhes amarelo é bem bonito, mas observando ficava muito aquém da minha experiência com o Museu Palácio Floriano Peixoto. Julguei naquele momento que faltava um pouco mais de decorações arquitetônicas. O ponto em que mais me chamou a atenção ao conhecer o Memorial do TJAL foi o uso de aparelhos eletrônicos para expor o acervo, o que tornou a experiência totalmente nova para mim.

### Entre fósseis, frutas e saberes: educação científica em tempos de luta por sobrevivência no Museu de História Natural

Meu próximo destino cultural pela minha cidade foi o Museu de História Natural, uma experiência quase indescritível. Durante a ocasião, tive a oportunidade de participar de atividades de pesquisas e apresentações, como as pinturas rupestres do Departamento de Arqueologia, que me permitiram apreciar a riqueza do nosso patrimônio ancestral.



VISÃO FUTURISTA DA JUSTIÇA ANCESTRAL - Representação do Memorial do Tribunal de Justiça de Alagoas (M.TJAL)

### Entre reis, cangaceiros e terreiros: a história viva no IHGAL

Pouco antes do 3.º CONCURSO DE DESENHO, visitei o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL). Foi uma experiência marcante porque o museu é de fato um verdadeiro guardião da história de Alagoas e do Brasil. Ao entrar já me senti ligado às raízes do Brasil através do mobiliário e das obras de arte. Nos primeiros salões de exposição sobre Dom Pedro II e o Brasil Império destaca-se o leme do navio que trouxe o monarca às terras alagoanas. Nos acervos seguintes, artefatos e pinturas do Brasil República e do artista plástico alagoano de Maceió Pierre Chalita.

A parte sobre a escravidão foi a mais pesada para mim, porque tocar naquele tema trouxe à tona reflexões de indignação sobre como a humanidade tratava as pessoas negras no passado recente – e, infelizmente, nos dias atuais onde essa realidade ainda persiste de várias maneiras dentro do que é chamado de racismo estrutural.

Outrasala de exposição que atrai turistas e pesquisadores do museu do IHGAL é a coleção CANGAÇO, que possui várias peças originais de Lampião e Maria Bonita, doadas ao instituto em 29 de novembro de 1938 pelo secretário do Interior, Educação e Saúde José Maria Correia das Neves, logo após a execução do cangaceiro em uma emboscada em Sergipe. O

Assistir e interagir nas apresentações audiovisuais dos demais departamentos foi uma experiência envolvente que me ajudou a compreender melhor a história e a cultura do meu Estado e região. Estava acompanhado do professor Willames de Santana Santos, da professora Juliana Ferreira dos Santos, da professora Luciana Luz Ferreira, dos meus amigos e companheiros Eduarda Plech e Crysiano dos Santos Silva e mais dois novos membros do G.PHILSA; juntos exploramos um acervo museológico e laboratorial fascinante. Na ocasião acontecia a programação da 20.ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia com tema “Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável com Exposições e Atividades Interativas” do Museu de História Natural. Um evento eclética com exposições de resultados de pesquisas dos laboratórios do MHN junto a professores e alunos da Universidade Federal de Alagoas.

Devido à diversidade de pesquisas e seus resultados à mostra tornou a visita ainda mais interessante com várias apresentações de pesquisas que davam vida ao museu. Geologia, Biologia, Paleontologia e Pescaria estavam presentes nas mesas expositoras do pátio interno daquele lugar fascinante. Particularmente, me apaixonei pelo acervo museológico e Laboratório de Geologia onde vi minerais apenas vistos antes nos livros didáticos da escola. Achei extremamente impressionante.

Sobre as exposições um destaque especial para o acervo de alimentos feitos a partir de plantas e



Ewerton Cleyson em apresentação de TRILHANDO MEMÓRIAS: Museu de Maceió durante a 2.ª Feira do Livro da Escola Estadual Prof.ª Guiomar de Almeida Peixoto, em 25 de outubro de 2024

acervo, disponível no Prédio Perseverança, compreende alguns pertences do cangaceiro e sua companheira Maria Bonita.

Já a coleção QUEBRA DE XANGÔ, igualmente exposta no Prédio Perseverança, compreende objetos sagrados remanescentes da invasão aos terreiros de Candomblé em Maceió no maior caso de racismo religioso de Alagoas. As peças foram oficialmente tombadas pelo IPHAN em 13 de novembro de 2024, garantindo maior manutenção, preservação e visibilidade dos artefatos históricos.

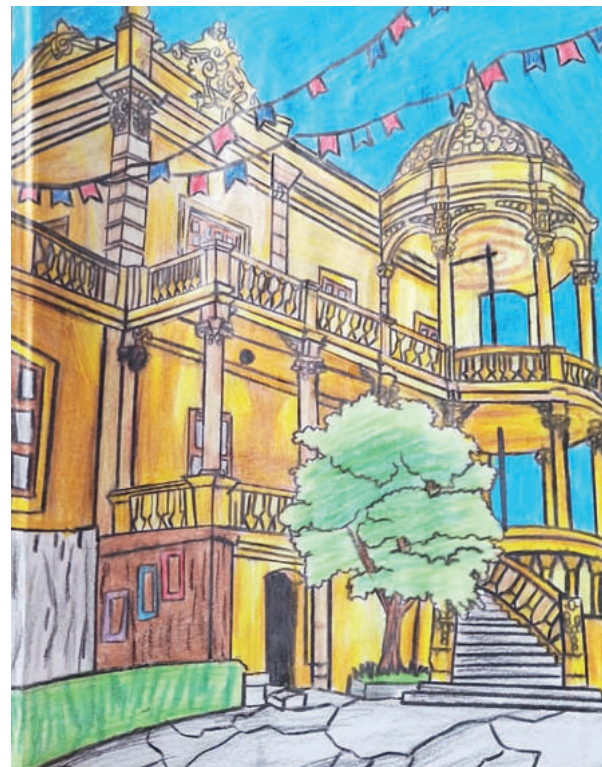
Ao descer as escadas entramos na Hemeroteca do instituto, lá encontrei arquivos de jornais antigos e uma enorme estátua de Dom Pedro II. Busquei o artigo de jornal CAMPUS - IFAL via O DIA - Alagoas publicação chamada “A pesquisa científica no Ensino Básico de Alagoas”, de autoria do G.PHILSA em que eu estou representado na edição do 2º Concurso de Desenho. Eu compreendi que, com toda certeza, estava ali compondo o acervo documental do Arquivo do Instituto Histórico.

Do outro lado do pátio interno, encontrei instrumentos médicos antigos e artefatos indígenas como mini-canoas, arcos, flechas e cocares. Mesmo com a visita guiada restrita em alguns lugares, pude perceber a grandiosidade daquele acervo. É um museu que merece ser mais explorado, e com certeza recomendo a visita. O prédio da Rua do Sol, de esquina

frutas nativas da Caatinga e Mata Atlântica. Uma pesquisa que visa explorar alternativas para substituir produtos de origem animal. Comi bolo e algumas guloseimas. Experiências marcantes foram as curiosidades do jenipapo, uma fruta rica em vitaminas e antioxidantes, assim como contato e até um aprofundamento com nomes científicos dessa e de outras espécies vegetais.

Foi uma verdadeira aula de biodiversidade local. Entendi que sempre há algo para aprender e explorar. Além das exposições em decorrência da feira, tive acesso ao acervo permanente da instituição. Fiquei encantado com o stand de herpetologia, onde vimos serpentes taxidermizadas e espécimes conservadas no álcool. O Museu é um verdadeiro centro de preservação, educação e pesquisa sobre a biodiversidade e o patrimônio histórico-cultural. Por isso, como estudante de escola pública, reforço sua importância cultural e científica.

Mesmo morando no bairro ao lado, não sabia da existência desse fabuloso espaço de educação e de pesquisa. Um aparelho cultural essencial, mas bastante sucateado que, neste momento, encontra-se de portas fechadas! Em 22 de outubro de 2024 a instituição publicou, via redes sociais e sites oficiais, a dimensão da precariedade da estrutura e a luta pela sobrevivência. Lamento a falta de visibilidade e reconhecimento desta casa do saber. Melhor experiência museal que vivi! Que possamos lutar todos juntos pela preservação deste local!



PASSAGEM CULTURAL: HISTÓRIA E CULTURAL ALAGOANA – Representação do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, fechado entre o fim de 2025 e início de 2016 para realização de obras de manutenção

e de cor rosa chama a atenção de quem passa e, às vezes, muitos nem sabem que ali estão guardados acervos valiosas e fascinantes da nossa história.

Minha última experiência museal passou pelos sentidos da audição e visão, conheci o Museu da Imagem e do Som de Alagoas (Misa). Foi uma visita e, ao mesmo tempo, organização, montagem e curadoria da exposição itinerante Museus Maceioenses, com obras predominantemente de minha autoria, feitas para a exposição “Trilhando Memórias: Museus de Maceió”. Na oportunidade, conheci o acervo das tecnologias de comunicação dos séculos 20 e 21 (XX - XXI), as instalações do prédio e ainda participei da Comissão Organizadora, assim como Artista Plástico da mostra. Os aparelhos antigos do museu, hoje considerados vintage, se mostravam fascinantes ao meu olhar encantado, cheios de perguntas sobre funcionalidade e uso desses objetos históricos. Notei o quanto as tecnologias de comunicação evoluíram bastante. Sou muito grato ao G.PHILSA por me proporcionar essas experiências tão enriquecedoras. Cada visita foi única, com suas próprias histórias e descobertas. Cada museu com seu acervo e mensagem, me ajudou a entender melhor o passado, refletir sobre o presente e pensar no futuro. E com isso, minha jornada de aprendizado se fortaleceu a cada passo, em cada história, em cada peça, em cada museu que representei em minha exposição.

### Quando o museu fecha, a escola se abre

“Trilhando Memórias – Museus de Maceió” é o resultado de um Projeto de Iniciação Científica Junior CNPq executado por Ewerton Cleyson Lima dos Santos, com orientação do Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar Luiz Sávio de Almeida (G.PHILSA), cuja finalidade é pesquisar e divulgar os lugares de memória da cultura maceioense. O projeto foi realizado em conexão com as atividades interdisciplinares desenvolvidas pelo G.PHILSA no ano de 2024 e trata-se de uma exposição museológica com representações de 15 espaços de memória da capital alagoana entre museus e memoriais.

Diante de portas fechadas e estruturas sucateadas, o trabalho de Ewerton não se resigna ao silêncio imposto à cultura: ele grita com traços, cores e presença. Ao visitar, refletir e reinterpretar os museus maceioenses, o estudante afirma a centralidade desses espaços na formação cidadã e propõe, por meio da arte e da ciência, um reencontro entre juventude, memória e território. Sua trajetória reforça que, mesmo em contextos de negligência, a educação crítica e a pesquisa escolar são capazes de reacender a chama da consciência histórica e do pertencimento cultural.

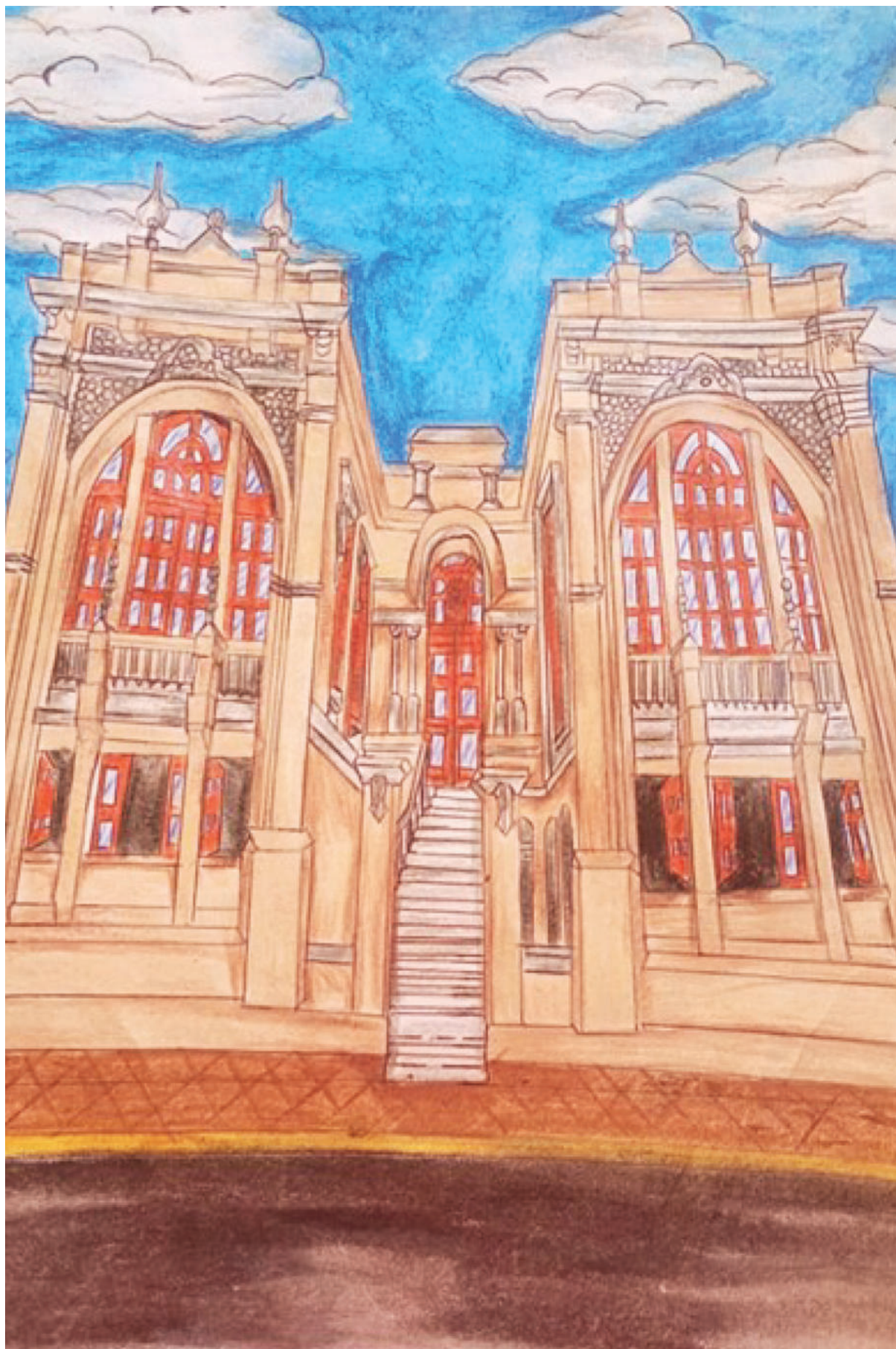
### Trilhando memórias: arte e pesquisa histórica como ferramentas de transformação

Competidor assíduo dos CONCURSOS DE DESENHOS promovidos pelo G.PHILSA, Ewerton destacou-se em 2024 ao conquistar o 3.º e o 5.º lugares com obras inspiradas no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL) e no Museu do Comércio e Tecnologia (M.TJAL). Através de traços autorais e do domínio crescente de sua técnica, demonstrou habilidade singular em representar a arquitetura e a atmosfera dos museus maceioenses — desenvolvendo assim um estilo próprio que alia estética, identidade local e reflexão crítica. Sua produção artística passou a ser compreendida como parte ativa da pesquisa histórica, em um processo que conecta o território vivido ao patrimônio cultural.

A maturação dessas vivências culminou na exposição inaugural “Trilhando Memórias – Museus de Maceió” no rol do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Curso de História da Universidade Federal de Alagoas, durante o 15º Encontro Nacional de História entre 8 a 10 de outubro de 2024. Rendendo também a publicação de um artigo com parte do acervo nos anais do evento.

Mais que um exercício artístico, a mostra representou o encontro entre escola pública e pesquisa científica, entre juventude periférica e patrimônio histórico. Revelando que é possível construir conhecimento e consciência crítica com as ferramentas que a arte e a história oferecem. *Trilhando Memórias* é, portanto, o resultado de um processo educativo transformador — onde o museu entra na escola e o estudante se torna agente de divulgação e preservação da memória coletiva.

A pesquisa histórica e artística abrangeu quinze espaços museológicos de Maceió, são eles: 1. Museu do IHGAL; 2. Palácio Museu Floriano Peixoto (Mupa); 3. Memorial à República; 4. Casa Jorge de Lima; 5. Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore; 6. Museu da Imagem e Som de Alagoas (Misa); 7. Museu do Comércio e Tecnologia do século XX; 8. Museu da 2ª Guerra Mundial; 9. Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas (MHN); 10. Memorial à Rainha Marta; 11. Casa do Patrimônio do IPHAN; 12. Centro de Cultura e Memória (TJAL); 13. Memorial Teotônio Vilela; 14. Casa da Arte; 15. Museu de Arte Sacra Pierre Chalita.



ECO E RAÍZES DO PASSADO (Prédio Perseverança) - Representação do Prédio Perseverança do Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (M.IHGAL)

### Educação e patrimônio: o papel estratégico da escola na construção de políticas de valorização cultural

A crise do patrimônio museológico em Alagoas, simbolizada pelo fechamento recente do Museu de História Natural da Ufal, evidencia uma negligência alarmante com a memória coletiva, a educação científica e o acesso democrático à cultura. Esse cenário de abandono, no entanto, contrasta com experiências potentes como as vividas por Ewerton Cleyson Lima dos Santos, aluno da rede pública. Seus relatos e produções artísticas não apenas denunciam o desmonte dos espaços de memória, como também revelam a força transformadora da escola pública quando vinculada à

pesquisa, à arte e à história.

Enquanto os museus silenciam por falta de políticas públicas eficazes, as vozes dos estudantes ecoam com força a partir das escolas da periferia. Essa contradição revela que, mesmo diante da omissão do Estado, é possível construir caminhos de resistência e valorização do patrimônio por meio da educação. É nesse paradoxo que reside a urgência de repensar as práticas de preservação da memória e de garantir a cultura como um direito. Pois, como demonstram as experiências aqui relatadas, investir em memória é investir em futuro — e negar a história é apagar os caminhos de pertencimento, identidade e esperança de toda uma geração.

## GRUPOS E INSTITUIÇÕES PARCEIRAS DE CAMPUS:

**Alagoas: Poder e Conhecimento**  
**Campus do Sertão – Ufal/Delmiro Gouveia**  
**CIMI: Memória Indígena em Alagoas**  
**Especialização em História de Alagoas – Ifal/Campus Maceió**  
**Etnohistória indígena de Alagoas**  
**Instituto Feminista Jarede Viana**  
**Neabi – Ifal/Campus Maceió**

**Neabi – Ifal/Campus Piranhas**  
**Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena da Ufal (Neabi/Sertão)**  
**Oeste Alagoano: Ampliando Olhares**  
**Observatório de Estudos Econômicos e Socioambientais Alagoas do sul**  
**Grupo de Pesquisa Histórica e Interdisciplinar**  
**Luiz Sávio de Almeida (G.PHILSA)**